

## A MODERNA LITERATURA JAPONÊSA

SAKAI, Kazuya. *Japón: hacia una nueva literatura*. México, El Colegio del México, 1968. 155 p.

Numa série de ensaios reunidos sob o título de **Japón: hacia una nueva literatura**, Kazuya Sakai oferece um panorama, vivaz e penetrante, da literatura japonêsa, a partir de alguns dos seus períodos mais recuados até o presente. A ênfase é dada aos aspectos contemporâneos das letras do Japão, o que torna ainda mais interessante e útil o trabalho, editado por El Colegio de México, a cujo Centro de Estudios Orientales o autor, argentino de nascimento e desde muito votado aos estudos orientais, está ligado como docente.

O livro, dividido em duas partes, preocupa-se na realidade com a literatura moderna, mas o autor sentiu-se justamente obrigado a recuar até os antecedentes mais ou menos remotos de alguns dos gêneros modernos estudados. Assim procede, por exemplo, em relação à novela, que examinou em sua floração do século XVII, antes de fazer comentários sobre a ficção japonêsa contemporânea. A literatura moderna e suas raízes passadas dão corpo, pois, à primeira parte do livro. A segunda, que viremos a apreciar adiante, põe todo o seu foco sobre teatro nô, a mais requintada e original das formas do teatro japonês tradicional.

Kazuya Sakai faz observar, no prefácio que precede os seus ensaios, ser o seu livro o primeiro que aparece sobre a literatura japonêsa originalmente escrito em língua espanhola. Não só este fato imprime significação aos ensaios, valiosos em si mesmos e creditados, com a sua publicação,

como meritória contribuição de El Colegio de México, através do seu centro especializado, aos estudos nipônicos na América Latina.

De todos os ensaios dedicados à literatura moderna, é excepcionalmente ilustrativo o referente às letras contemporâneas, que tem por título "El sol que declina: algunos aspectos de la literatura de posguerra". Kazuya Sakai demonstra, aí, que a derrota militar do Japão projetou na sociedade japonêsa novos elementos, entre os quais os conceitos novos de "liberdade", "democracia" e "respeito ao indivíduo". Estes conceitos, mais as implicações sociais, políticas e psicológicas de um país vencido pelas armas, levaram o intelectual japonês contemporâneo a participar ativamente dos problemas do seu tempo. "Esta atitude — observa Sakai — contrasta enormemente com a dos escritores de antes da guerra". Como produto representativo dessa nova posição, menciona a novela **O Sol que Declina**, de Dazai Osama. "O sol declinou no Japão, mas para levantar-se de novo. Dazai estava certo quando descreveu a queda de uma velha estrutura social e de um tipo humano. Daí já nasceu outra coisa, pelo menos na literatura. E esta literatura se apresenta, como a de qualquer país "avanzado", tão surpreendentemente realizada, na sua qualidade, como na sua diversidade".

Todo um ensaio escreve Sakai sobre Abe Kôbô, o autor de **A Mulher de Areia** e **A Face do Outro**, sobre outros autores do momento presente, entre os quais Mishima Yukio e Obe Kenzaburô. Todos estes são qualificados como autores da extrema vanguarda. Quanto a Abe, diz Sakai: "É prová-

vel que a sua obra seja mais difícil de penetrar e ainda resulta obscura e ambígua, ao ponto de sua leitura parecer tortura em comparação com a de outros escritores japoneses. Não obstante, uma análise cuidadosa da produção literária de Abe mostra que é japonesa e descreve uma árida paisagem espiritual tipicamente japonesa, apesar de, como disse Mishina, aparentemente levantar problemas comuns a qualquer sociedade humana atual”.

Abe, revela Sakai, desenvolveu um estilo fantástico e peculiar, utilizando variadas técnicas do suspense e um tratamento quase clínico dos detalhes, em que se têm encontrado similitude com Poe e Kafka. “O protagonista de **A Parede**, S. Karma, descobre uma manhã que perdeu o seu nome. O “nome”, os “nomes” não são mais que códigos de comunicação, mas na sociedade atual, estranhamente, são tão ou mais importantes que as pessoas que “correspondem” a tais nomes. (...) O homem que perdeu seu nome vai descobrindo, gradativamente, as incongruências deste mundo, porque seu nome tem mais realidade existencial que êle próprio”.

A segunda parte do livro é um percuciente estudo sobre o teatro nô. O nô, como se sabe, é visto modernamente como uma das mais originais formas teatrais, sendo apontado, também, como um dos melhores exemplos de “teatro total”, onde o tempo e o espaço artísticos, diferentemente do que acontece na maioria das formas ocidentais, não têm vazios ou áreas mortas.

Sakai examina o mundo fantástico do nô por seus diferentes ângulos começando por sua própria reação individual ao iniciar-se naquela arte. Entre as observações que faz, inclui-se a da influência do budismo **zen** no teatro nô. Segundo Sakai, “no nô, mais que os elementos externos (cenário, objetos, figurino, máscara, etc.), encontramos a influência zenista na maneira de atuação, na mímica, na dança e nos movimentos, e principalmente na preparação mental dos atores. Por este meio, chegou-se ao teatro estático, apesar das “ações” que se registram quando o personagem

principal (**Shite**) inicia a última batalha onde encontrou a morte, ou quando expressa ódio, vinganças ou ciúmes”.

Valiosa é a análise da estrutura de uma peça nô que Kazuya Sakai realiza no último capítulo do seu livro. Através dessa análise, torna-se suficientemente claro, para o leitor não-iniciado, o arcabouço de um espetáculo nô, com a sua variedade de recursos, que incluem desde o teatro literário, até a dança e a música, recorrendo a um simbolismo denso e eficaz como instrumento artístico.

N. A.

## FOLCLORE ANGOLANO

RIBAS, Oscar. *Uanga*. 2.<sup>a</sup> ed. Luanda, Tip. Angolana, 1969. 319 p.

Oscar Ribas, o autor de **Ilundo** e dos três volumes do **Misso**, que já publicou, através deste Centro de Estudos, o ensaio **Usos e Costumes Angolanos**, resolveu reeditar o romance folclórico **Uanga**, que mereceu, em 1951, menção honrosa, por parte da Agência-Geral do Ultramar.

Evidentemente o valor da obra não reside na sua condição de romance e por isso não iremos comentá-lo do ponto-de-vista literário. O que pretendemos é chamar a atenção dos estudiosos das culturas africanas e especialmente daqueles interessados nas culturas do grupo banto para essa obra, repleta de informações valiosas que poderão facilitar o seu melhor conhecimento.

Aqui e ali, quase de página a página, surgem tais informações, algumas delas sugerindo estudos e pesquisas ainda não efetuadas, outras, acrescentando ao já conhecido, detalhes importantes, e ainda outras, lamentavelmente prejudicadas pela dificuldade de alcançar-se sua exata compreensão, com base nos termos regionais utilizados pelo autor.

A existência, ao final da obra, de um “Elucidário”, com 362 termos, não é, infelizmente, suficiente para permitir tal compreensão. E, desse modo, resta-nos aguardar, com certa ansiedade, o **Dicionário de Regionalismos**

**Angolanos**, já anunciado pelo folclorista.

Para nós, brasileiros, a obra apresenta um interesse todo particular, a partir de dois pontos-de-vista distintos: — o etnográfico e o lingüístico. Isto porque, considerados os freqüentes contactos que existiram no passado entre Angola e o Brasil, e muito especialmente a enorme quantidade de escravos dali embarcados para as terras brasileiras, o estudo dos costumes vigorantes na área de Luanda, em fins do Século XIX, época em que decorre a ação do romance, poderá propiciar a feita de estudos comparativos entre os mesmos e os existentes no Brasil, à mesma época; bem como ajudar-nos a obter um melhor conhecimento acêrca da contribuição trazida pelas culturas bantós para a formação da cultura brasileira.

Do ponto-de-vista lingüístico, o interesse é bem maior. Sendo um fato bastante conhecido o da existência de uma enorme quantidade de palavras originárias do quimbundo no português falado no Brasil, a profusão, na obra de Oscar Ribas, de têrmos regionais angolanos e ainda a sua tentativa de reproduzir a pronúncia, por parte dos nativos, das palavras portuguêsas incorporadas à linguagem comum, poderão fornecer aos especialistas um farto material para estudos de lingüística comparada levando-se em consideração material idêntico a ser recolhido no Brasil.

E surgem ainda daí perspectivas tentadoras para os estudos de dialetologia, desde que possamos comparar as aderências exatas entre as palavras e as cousas, em terras angolanas e brasileiras.

No momento em que, através dos esforços dos integrantes da equipe do CEAO, o interesse pelas línguas africanas no Brasil vai sendo, a pouco e pouco, despertado, a reedição de **Uanga** se revela bem oportuna. Para que estimule estudos e pesquisas nessa área e para que consigamos afinal afastar dos nossos dicionários a constante designação de "brasileirismos", para vocábulos de nítida origem africana, incorporados ao português aqui falado.

Mas desejamos ainda chamar a atenção para um outro ponto que a leitura de **Uanga** nos sugeriu. Sobre a possibilidade dos estudos comparados de botânica, desde que são ali freqüentes as referências feitas a vegetais. Nessas referências encontramos, além de plantas nativas de Angola, algumas plantas do Brasil, tais como o cajú, a mandioca, e a cajazeira. E assim como no campo lingüístico se torna necessário o estudo comparativo das duas áreas, também no campo da botânica tal estudo se torna indispensável.

Em conclusão, as obras de Oscar Ribas possuem uma importância toda especial e deveriam ser melhor conhecidas pelos estudiosos brasileiros e em especial pelos nossos lingüistas e folcloristas, preocupados talvez em demasia com as raízes européias da nossa cultura e de um certo modo pouco interessados nas suas raízes africanas.

**W.F.O.**

## O ESCRAVO E O CAFÉ

VALVERDE, Orlando — A fazenda de café escravocrata no Brasil — *in* Revista Brasileira de Geografia, 29 (1) Jan./mar. 1967.

Estudando a fazenda de café escravocrata no Brasil, o autor limita a sua análise às áreas do vale do Paraíba e da Baixada Fluminense, no período que vai do início do cultivo do café sobre as mesmas até a Abolição da Escravidão.

Após uma breve introdução histórica, na qual traça o caminho percorrido pelo café desde a sua chegada ao Brasil até o momento em que consegue transpor as escarpas da serra do Mar, alcançando o vale do Paraíba, daí expandindo-se em direção à zona da mata de Minas Gerais e a São Paulo, evidencia o extraordinário progresso econômico proporcionado pelo café plantado na região, no Brasil-Império, até poucos anos antes da Abolição. Refere-se a seguir ao esplendor das "fazendas de café" da

área, a essa época, ilustrando o seu trabalho com fotografias de prédios e de interiores dos mesmos, onde residiam os grandes fazendeiros, os “barões do café”. Chama ainda a atenção para o fato de, na década de 1880, a região cafeeira do vale do Paraíba congregar mais da metade da população cativa do País.

Descreve então a vida cotidiana nessas “fazendas de café”, fazendo referências a alguns dos seus proprietários, em especial, ao Comendador José de Souza Breves, de quem afirma haver sido “o maior senhor de escravos do Brasil, em todos os tempos”, possuindo cerca de 6.000 escravos, e a Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo, o construtor do conhecido Palácio do Catete, sede do Governo Brasileiro, de 1894 a 1960.

Após rápidas considerações sobre os tipos de aglomerados urbanos surgidos na região em função da economia ali preponderante, as técnicas agrícolas empregadas para o plantio, colheita e beneficiamento do café e ainda sobre o sistema de transporte que permitia o escoamento da produção para os portos litorâneos, tenta analisar, de uma maneira global, a significação econômica da região, àquela época.

Nesse ponto, ao lamentar a falta de dados estatísticos relativos à produção de café nas fazendas escravagistas do vale do Paraíba, somos nós que lamentamos não tenha o autor querido se valer dos documentos existentes nos arquivos das prefeituras fluminenses, especialmente os inventários e testamentos da época áurea do café, donde tais dados poderiam ser extraídos, como bem o demonstrou Stanley J. Stein, que deles se valeu para a redação do seu trabalho — **Vassouras — A Brazilian Coffee County — 1850-1900**, publicado em português, em 1961, pela Editora Brasiliense, sob o título **Grandeza e Decadência do Café no Vale do Paraíba**, lamentavelmente não incluído na bibliografia citada ao fim do artigo, pelo Prof. Orlando Valverde.

Vale-se então o autor tão somente dos dados colhidos na obra de C.F. van Delden Laerne — **Le Brésil et**

**Java**, publicada simultaneamente, em Haia e em Londres, em francês e em inglês, respectivamente, no ano de 1885, para, com base nos mesmos, elaborar a carta da distribuição da população cativa no vale do Paraíba, àquele tempo. Tal carta, evidente fruto de grande esforço do autor e dos seus colaboradores, propicia a todos os estudiosos da nossa história e, particularmente, aos da história do negro no Brasil, uma proveitosa visualização da situação da área, no que se refere à população negra ali existente, e daí decorrente, à economia da região.

Num comentário sumário à referida carta, o autor chama a atenção dos leitores para as áreas de concentração de escravos e muito embora demonstre admiração ante o fato de a população escrava concentrar-se, ainda àquela época, na região dos cafésais velhos do vale do Paraíba, explica corretamente tal situação, que ao nosso ver, nada possui de anormal ou paradoxal. Mesmo porque tais áreas de concentração continuarão a existir, pelas razões expostas pelo autor, até a data da Abolição e mesmo ao longo dos anos que se seguem de imediato a 1888. Desde que a população negra, uma vez libertada, permaneceu, em grande parte, sobre as mesmas, muito embora na nova condição de homens livres, alugando agora sua força-trabalho aos seus ex-senhores. Conforme informa Stein, alguns fazendeiros pediram em prantos aos seus antigos escravos que ficassem para a colheita do café, e acrescenta que “durante a primeira safra depois da Abolição e durante a primavera de 1888, tôdas as forças das décadas pré-abolicionistas fizeram os fazendeiros e os libertos de Vassouras chegarem a acordos”, continuando pois, naquela área, a ser o negro o elemento preponderante na lavoura. É que lado a lado então se encontravam dois deserdados — o fazendeiro decadente, incapaz de saldar suas dívidas, conservando a terra mas desfalcado do capital representado pelos escravos, e o ex-escravo, livre porém miserável, sem condições reais de sobrevivência, falta de moradia e

de alimentos. O que determinou uma certa solidariedade, agora voluntária, entre os antigos patrões e os antigos escravos, de modo a propiciar-lhes um certo período de adaptação às novas circunstâncias.

Nas suas conclusões, o autor afirma que a escravatura fôra varrida do mundo ocidental cristão, desde a queda do Império Romano e ressurgira no início dos tempos modernos, quando os europeus se puseram em contacto com povos primitivos da África, da Ásia e das Américas. Não concordamos. Em realidade, a escravidão continuou a existir no mundo ocidental cristão, sem quebra da sua importância, durante toda a Idade Média, quando as cidades italianas se tornaram os principais interessados no tráfico de escravos, transportando-os da zona do Mar Negro para negociá-los com os países europeus do Mediterrâneo. E continuou a existir nos tempos modernos, somente com a substituição dos italianos pelos portugueses, de início, e depois pelos espanhóis, ingleses, franceses, alemães, etc., no papel de traficantes. Foi quando, com base nas descobertas e conquistas marítimas efetuadas ao longo do litoral africano, os escravos brancos foram sendo, a pouco e pouco, substituídos na Europa, pelos escravos negros, havendo Lisboa se tornado então um ativo centro de venda de escravos africanos.

Finalizando o seu trabalho, o autor afirma haver sido a baixa rentabilidade do trabalho cativo em face das circunstâncias históricas do Brasil da época, e especialmente, das circunstâncias históricas do café, o fator decisivo para que se desse a abolição da escravatura entre nós. E após reconhecer que já no fim do Século XIX a fazenda de café escravocrata do vale do Paraíba estava fadada à estagnação, conclui, com toda

propriedade, haver sido ela elemento bem representativo da sua época e da região onde existiu.

**W. F. O.**

## ARTE AFRICANA

**ESCULTURA Africana;** no Museu de Etnologia do Ultramar. Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar, 1968. 210 p. ilus.

Com uma concisa e objetiva "Introdução" da autoria de Ernesto Veiga de Oliveira, edição fartamente ilustrada com reproduções da escultura africana de várias etnias, (Bijagó, Senufô, Achanti, Iorubá, Kioko, Luena, etc.) êste livro representa, em língua portuguesa, um trabalho de pesquisa e sistematização criteriosa. Contando com a colaboração de Antônio Carreira, Margot Dias e Fernando Quintino, foi possível a Junta de Investigações do Ultramar, utilizando as peças do **Museu de Etnologia do Ultramar**, dar ao público em geral e aos especialistas, uma obra de grande significado cultural.

Com uma breve apresentação de cada etnia — trabalho sob a responsabilidade de Luis Polanah — antecedendo as reproduções da estatuária — a intenção da obra foi superar a simples indexação ou arrolamento de esculturas para apresentar um manual ilustrado da mais expressiva forma das artes plásticas negras.

Fugindo ao meramente descritivo o livro é, de fato, um repositório de conhecimentos vastos sobre a arte africana negra, e tem o grande mérito de revelar ao mundo de língua portuguesa e brasileira, um trabalho em equipe, do mais alto nível.

**F. R. P.**

# Estudios Orientales

## Vol. IV, Núm 3 1969

---

### REDACTORES

Celma Agüero, Flora Botton Beja, José Thiago Cintra, Graciela de la Lama, Omar Martínez Legorreta, María E. Ota Mishima, Kazuya Sakai, Jorge Silva Castillo, Ma Sen

### ÍNDICE

#### ARTÍCULOS

Michio Nagai

*El "despegue" y el "fracaso" en el desarrollo de la educación japonesa*

Jorge Silva Castillo

*Un estado de anomia en Babilonia. Sociedad y literatura cuneiforme*

Kazuya Sakai

*Kagerō Nikki, primera novela autobiográfica japonesa*

La madre de Michitsuna

*Kagerō Nikki: El diario de la vida efímera. Traducción del japonés, notas y comentarios de Kazuya Sakai*

Flora Botton Beja

*Mencio: Sobre la naturaleza humana*

Mencio

*Libro 6: Gao Zi. Primera parte. Traducción del chino y notas de Flora Botton Beja*

#### RESEÑAS DE LIBROS

Donald Keene, *La literatura japonesa entre Oriente y Occidente*. Por Oscar Montes

*Himnos del Atharva Veda*. Por José León Herrera.

*Himnos del Rig Veda*. Por José León Herrera.

*Ueda Akinari, Cuentos de lluvia y de luna*. Por Flora Botton Beja

Joseph Pittau, S.J., *Political Thought in Early Meiji Japan. 1868-1889*. Por Carmen Fierro G.

#### NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Redacción y administración:

El Colégio de México

Guanajuato 125

México 7, D.F.